

José Lopes da Silva

ESTUDO BÍBLICO DOCTRINA CATÓLICA

.....

LIVRO DO PROFETA BARUC



José Lopes da Silva

ESTUDO BÍBLICO
DOCTRINA CATÓLICA

.....

LIVRO DO PROFETA BARUC

2021

Copyright © 2021 José Lopes da Silva

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610, de 19/02/1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem a prévia autorização, por escrito, de seu autor.

1ª EDIÇÃO

DIAGRAMAÇÃO

Cia Das Ideias | @cia.das.ideias

IMAGENS

pixabay.com.br

pt.wikipedia.org

SUMÁRIO

.....

INTRODUÇÃO AO LIVRO DO PROFETA BARUC.....	5
O profeta e seu tempo.....	5
A OBRA	6
Estrutura.....	6
Mensagem teológica	7
ESTUDO DO LIVRO DO PROFETA BARUC	11
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	16

INTRODUÇÃO AO LIVRO DO PROFETA BARUC

.....

A atribuição deste Livro de Baruc não é admitida por muitos motivos. As indicações históricas contidas na introdução não correspondem a outros dados bíblicos. Assim, por exemplo, a presença de Baruc na Babilônia (1,1) não é coerente com a notícia de Jr 43,6-7, segundo a qual Baruc se encontrava em Tafni, no Egito, onde, conforme uma tradição rabínica, teria morrido. O quinto ano (1,2) da destruição de Jerusalém (ano no qual Baruc teria lido o seu escrito aos hebreus na Babilônia) corresponde a 581 a.C. Não se explica, por isso, como seria possível falar de dias de festas e assembleias (1,14) em Jerusalém, que naquele momento não era mais nem mesmo o centro político e religioso da Judeia (Jr 40,6s; 2Re 25,9-12.22-24).

O profeta e seu tempo

O fato dos exilados reunirem-se para celebrar a sua história e fazerem coletas e mandá-las a Jerusalém para a oferta de sacrifícios (1,2-7.10) pressupõe uma comunidade livre para se organizar, e em situação economicamente bastante efervescente. Esses indícios parecem se referir melhor ao ambiente dos exilados remanescentes em Babilônia, mesmo muito tempo após o edito de Ciro (539; Es 1; 8,21-36; Ne 1,1-4) e à situação de Jerusalém nas décadas seguintes à reconstrução do Templo (515 a.C.).

Também as características literárias excluem os primeiros anos do exílio como data de composição do livro e o aproximam dos escritos da época helenística macabaica (séc. II a.C.). É próprio desse período se dirigir a Deus com orações sob forma de confissões (Br 1,15-3,8 e Dn 9,4-19), tecer elogio à Sabedoria (Br 3,9-4,4 e Pr 8; Eclo 1,1-20; 24) e dirigir-se corajosamente à Jerusalém personificada, como já havia feito o Segundo e o Terceiro Isaías (Is 40s; 60-62).

O costume de atribuir escritos recentes a autores célebres do passado (pseudoepigrafia) é frequente no período helenístico. Com isso, procurava-se conferir autoridade ao escrito e reivindicava-se a continuidade dos ensinamentos que podiam parecer contemporâneos à doutrina dos mestres estimados e amados do povo. Tal procedimento não era causa de admiração nem tampouco de escândalo entre os contemporâneos. Antes, o fato de que o verdadeiro autor de tais escritos se mantivesse anônimo podia ser visto como um sinal de admiração e expressão de estima para quem tinha tanta influência sobre a vida religiosa do povo de Deus.

A OBRA

Estrutura

Podem-se distinguir facilmente as diversas partes nas quais os dois livros são articulados:

1. Introdução (1,1-14): depois da apresentação do autor, descreve-se a situação dos exilados na Babilônia e se anuncia o envio de uma carta a Jerusalém;
2. Confissão pública (1,15-3,8): articulada em dois elencos de pecados (1,15-2,10; 2,23-35), seguidos de dois pedidos de perdão (2,11-22; 3,1-8);

3. Lamentação e esperança (4,5-5,9): Jerusalém chora os seus filhos dispersos e confessa a própria incapacidade de prestar ajuda a eles. A única esperança de salvação é colocada em Deus (4,5-29). O profeta responde ao lamento da cidade, descrevendo com tons entusiastas o retorno da população (e seus filhos) e a reconstrução (4,30-5,9). O lamento da cidade é intercalado pela exortação expressa no termo coragem (4,5.21.27), que é retomado pelo profeta e dirigido à mesma Jerusalém (4,30);
4. Sátira contra a idolatria (cap. 6): na introdução se recorda a causa do exílio e se previne os exilados do perigo da idolatria (6,1-6). A descrição dos ídolos (6,7-71) é subdividida em dez partes que são finalizadas sempre com uma espécie de refrão: não são deuses; não os temais, portanto (6,14.22.39.44.51.55.64.68.71). O versículo conclusivo afirma a superioridade de um homem justo sobre os ídolos (6,72).

Mensagem teológica

O livro não apresenta novidade nas ideias teológicas que exprime. É, sobretudo, uma síntese de alguns princípios basilares da reflexão pós-exílica, com o objetivo de explicar o que aconteceu ao povo de Deus. O exílio, que podia ser motivo de escândalo e de perda da fé no Senhor, torna-se uma demonstração de capacidade de agir na história humana e uma confirmação dos atributos que a tradição de Israel lhe conferia.

Na confissão pública (1,15-3,8) se dá razão a Deus por tudo que ele fez para o seu povo. O reconhecimento das culpas antigas e recentes com referências contínuas sobretudo ao Deuteronômio (Br 1,20; 3,3-5.11.16.18.29.31) e a Jeremias (Br 1,15.19.22; 2,4.8) relembram ao povo a responsabilidade dos castigos que os puniram e desculpa Deus

por ter exagerado na punição dos culpados. O perdão pedido deve ser precedido de uma verdadeira conversão, de uma mudança de vida (2,30.33), que certamente pressupõe a disponibilidade do povo, mas é essencialmente dom de Deus (2,31.35).

Outros exemplos de confissão pública se encontram em Esdras (9,5-15), Neemias (c.9) e Daniel (9,1-19).

O sentido de vínculo profundo entre o passado e o presente, entre um grupo de pessoas e toda a coletividade, que caracteriza as confissões públicas, põe em primeiro plano o tema da solidariedade entre todos os homens. As gerações atuais são herdeiras de seu passado, no bem e no mal, e nenhum grupo pode se considerar desligado daqueles que lhe estão em volta.

A confissão dos pecados em Baruc (1,15b-22) retrata uma das mais belas páginas de toda a Bíblia. É reflexo do ser humano que, ao mesmo tempo que reconhece a bondade de Deus, se reconhece também pecador, sem máscaras, sem delongas: o Senhor, nosso Deus, é justo. Nós, porém, devemos hoje corar de vergonha... porque pecamos contra o Senhor. É a pura beleza do pecador em busca da graça. Contudo, não compartilha de uma teologia pessimista, para a qual o homem “é” pecado. Para Baruc, os pecados são atos do homem, mas nós nunca seremos a soma de nossos atos. É a justiça de Deus, sua fidelidade, que define quem é o homem: um ser agraciado pelo Senhor e, por isso, embora pecador, sempre filho de Deus.

De fato, *é uma alma angustiada e um coração atormentado que clama a vós: Escutai, Senhor!* (3,1). Deus na sua misericórdia não tardará a ouvir um grito tão angustiante e ao mesmo tempo esperançoso. O profeta convida o Senhor e certamente convida a si mesmo a não mais se fixar na história de pecado que foi o passado do povo: *não mais tomeis em conta os crimes de*

nossos pais; lembrai-vos, apenas, nesta hora, do poder de vosso nome (3,5). Não se trata de irresponsabilidade quanto à própria história, mas sim da abertura a um futuro que só Deus pode prover, futuro esse que transcende as barreiras da arrogância espiritual e desemborça na aventura da fé.

O elogio da sabedoria (3,9-4,4) exalta essa prerrogativa de Deus que pode reencontrar-se na natureza (3,32-35), mas que os povos idólatras não puderam descobrir (3,15-31). Deus, ao contrário, a doou a Israel como Torah, como ensinamento que guia a vida (4,1) e que deveria ter sobressaído ao orgulho (4,3-4). A causa do exílio é indicada no fato de Israel ter se recusado a caminhar nos caminhos de Deus abandonando a fonte da sabedoria (3,9-14). Análogo discurso sobre a sabedoria se encontra também em Jó (cap. 28), em Provérbios (cap. 8), no Eclesiástico (cap. 24) e no Deuteronômio (4,5-6).

Essas afirmações sobre a sabedoria divina, que pode ser reconhecida nos mistérios da natureza, mas que tem sua manifestação mais completa em uma revelação particular, são um convite a não restringir a inteligência humana aos limites demasiados curtos da simples pesquisa empírica. Os horizontes abertos ao homem vão bem além daqueles que a ciência pode descobrir.

A exortação à esperança (4,5-5,9) se abre como um lamento de Jerusalém personificada que chora a condição própria e a de seus filhos. A causa da tragédia nacional é sempre indicada como justa punição que Deus infligiu ao povo por causa de seus pecados (4,6-9.12-13). Exprime também a esperança de que Deus perdoará todas as culpas e reconduzirá os exilados à Terra Santa (4,18.21-27). O perdão é a força que impele o povo à conversão (4,28-29). O crente sabe que somente Deus pode conduzi-los a uma vida de santidade: coragem, Jerusalém! Aquele que te deu o nome consolar-te-á (4,28). Jerusalém, assim como cada ser humano,

não nasceu para ser vítima da constrição do pecado. Fomos criados para Deus e Nele é que nos descobrimos: tira, Jerusalém, a veste de luto e de miséria, reveste, para sempre, os adornos da glória divina.

A segunda parte é ainda um contínuo convite à esperança dirigida pelo profeta a Jerusalém. Os inimigos de Israel, que se alegraram com a destruição do povo de Deus, sofrerão a mesma pena (4,31-35). Jerusalém, ao contrário, será reconstruída mais resplandecente que antes, graças à intervenção de próprio Deus (4,36-5,9), indicado como “o Santo” (4,22.37; 5,5), termo frequente no Livro de Isaías.

A sátira contra os ídolos (c.6) exalta a unidade do Deus de Israel (6,5), à qual se contrapõe a multiplicidade dos ídolos e, sobretudo, a sua materialidade. A proibição de representar o Senhor em qualquer forma (Ex 20,2-6) é referência constante para demonstrar a inconsistência do culto idolátrico, dirigido à divindade que vem identificada com o ídolo. A sátira é um estilo muito eficaz para explicitar a fugacidade dos ídolos. A mesma condenação contra os ídolos aparece também em Isaías (40,18-20; 41,6-7; 44, 9-20), Jeremias (10,1-16), no Salmo 115 e no Livro da Sabedoria (15,5-13).